ALFREDO PINTO (SACAVEM)

EM TERRAS DE PORTUGAL

ALFREDO PINTO
(SACAVEM)
"EM TERRAS DE PORTUGAL"

ALFREDO PINTO
(SACAVEM)
« EM TERRAS DE PORTUGAL »

EM TERRAS DE PORTUGAL

DO MESMO AUCTOR

Jesus e a Samaritana.

Scenas d'Aldeia. (esgotado)

A Moabita.

Telas da Vida.

Abandonada!

A Tetralogia de Ricardo Wagner. (2.ª edição)

Impressões.

Chopin. (traducção)

No Remanso do Lar. (chronicas)

Horas d'Arte. (1.ª serie)

Verdi. (conferencia)

Em preparo:

Parsifal.

Musicos. (enchiridion biographico)

Sol ardente. (romance)

Horas d'Arte. (2.ª serie)

Alfredo Pinto (Sacavem)

Em terras de Portugal

RECORDAÇÕES — ESBÓÇOS — PHANTAZIAS

(ILLUSTRAÇÕES PHOTOGRAPHICAS DO AUCTOR)

1914

LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

I

Passar algum tempo no campo é um habito que entra na massa do sangue desde o alvorecer da nossa mocidade, e assim, logo que a natureza se envolve com o manto variado das suas côres, pensamos logo em abandonar Lisbôa e vermo-nos livres, por alguns mezes, da vida buliçosa da capital, com tudo que ella possue de simulado na sua vida ficticia e pouco hygienica.

BILHA DE SEGREDO
(Epoca da rainha D. Leonor)

Assim uns tempos no campo são um verdadeiro balsamo de conforto, de tranquillidade á nossa existencia physica e intellectual.

Na mór parte da gente não existe, infelizmente, a ideia nitida que se deve ter de uma estada no campo.

Geralmente todas as familias abandonam Lisbôa pelo espirito comesinho de seguirem a

moda de: *ir para fóra*, e lá terem a mesma vida da cidade, com o mesmo luxo das *toilettes*, com todo esse rosario de ideias balofas e ridiculas que enche os cerebros das mães de familia, em que as thermas, praias, etc., são apenas pretextos para mostrarem as filhas e verem se as casam ricas o mais depressa possivel!

Todas as infinitas belezas que a natureza lhes offerece n'essas terras para onde vão permanecer alguns mezes, passam desapercebidas como verdadeiras vulgaridades.

Por isso direi que sempre me faz pena não comprehenderem o campo para onde vão, e saberem gozar d'elle com aquelle amor e carinho que elle tanto merece.

Mas deixarei estas considerações, pois malhar em ferro frio é tempo sempre perdido, e entrarei no assumpto d'estas notas, d'estes esboços colhidos a esmo que apenas têm um fim — contar as minhas simples impressões de mero viandante por esses montes e valles d'esta nossa querida terra; impressões não revestidas com a burilada linguagem d'um Bernardin de S. Pierre, que tanto adorava o campo, nem como Victor Hugo nos seus livros sobre o Rheno, mas sim com o estylo simples de um forasteiro que longe de Lisbôa, vae colhendo aqui e alli pequenas notas impressionistas que o meio lhe offerece, todo esse scenario campezino matisado de uma serie

infinita de encantos variados, symphonia de de côres, crescendo de tons quentes que nos causam a vertigem do Bello em todo o seu esplendor.

TORRE MATRIZ

As thermas das Caldas da Rainha, onde actualmente me encontro, conheço-as ha vinte e nove annos, e a vagarosa evolução que têm soffrido, tem passado perante os meus olhos com um grande interesse.

Não conheço terra proxima de Lisbôa que reuna tantos atractivos como as Caldas.

Mas terá esta villa aquelle encanto de tranquillidade que tinha antigamente antes da chamada civilisação do caminho de ferro? Decerto que não, mesmo na estructura intima da sua vida a differença é radical.

Voltêmos um pouco a vista ao passado para fazermos melhor o parallelo com a vida presente.

Partia-se de Lisbôa da estação de Santa Apolonia, e chegava-se á Azambuja pelas 11 horas da manhã; deligencias, largas carruagens, onde podiam levar em cima duas

UM TRECHO DA MATTA

e tres malas, conduziam-nos até ás Caldas, uma distancia de dez leguas. As primeiras povoações por onde passavamos eram Aveiras de Baixo e depois Aveiras de Cima, Alcoentre, d'ahi a leguas o lugar do Cercal, onde estacionavamos duas horas para almoçarmos e para descanço do gado.

Ainda me recordo que nos davam em uma estalagem, canja e bella galinha cosida

UM TRECHO DAS CALDAS, AO CAHIR DA TARDE

com arroz e presunto. Hoje, esta estrada, segundo me consta, está horrivel, havendo apenas transito de galeras.

N'estas thermas não havia então o movimento de familias que se vê hoje; o maximo

A BERLINDA

meia duzia, formando todas uma *só familia*, sem os *cancans* que nos atormentam agora!

A vida que se passava era a seguinte: de manhã, tratamento no hospital onde havia o tradicional copinho dado pelo velho Sebastião que Deus tem; durante o dia, no passeio da Copa, jogava-se o arquinho, as senhoras cosiam e bordavam: mais tarde houve um jôgo de *Croquet* devido á iniciativa da familia Barros Lima e José Sacavem.

Tambem havia o jogo da malha, e ainda me recordo de ver o falecido escriptor Luciano Cordeiro joga-la com enthusiasmo. Tempos que não voltam!

O CANTAR DAS LÔAS

Depois de jantar, que era por volta das cinco horas, ia-se á matta real, uns subiam ao pinheiro da Rainha, outros espalhavam-se pelas ruas a jogarem jogos de prendas e arquinhos.

Quando a noite vinha já bastante proxima, todos desciam ate ao club, onde se dançava animadamente até ás dez horas, sendo então

servido o conhecido e tradicional chá com fatias e bolachas, alem de copos com agua chalada. Este chá era fornecido pela direcção do Club, sendo digno de elogios pelo asseio e abundancia.

Aos sabbados então, antes do club, entrava-se na egreja do hospital onde se cantava a ladainha e varios canticos á Virgem do Populo (*); diversas senhoras cantavam no còro, nunca faltando o conhecido padre Antonio d'Almeida, hoje residente em Obidos, que alem de ser um eximio caçador de perdizes, possuia uma agradavel voz de barytono.

No dia 15 de agosto havia festa rija n'esta egreja, pregava geralmente o padre Antonio. Os cantores é que tiravam a Fé ao maior crente, eram musicos da philarmonica; poderá o leitor avaliar que serie de *desacatos musicaes* elles nos offereciam aos nossos ouvidos!

O conhecido *Céu de vidro* d'hoje, era antigamente um modesto corredor entre os dois córpos do club, tendo apenas por tecto a abobada celeste, seria menos commodo, mas era muito mais poetico. N'essa noite era coberto

---

(*) Foi n'esta egreja que no anno de 1504 foi representado um *auto* de Gil Vicente o de *S. Martinho*, pedido feito pelos habitantes das Caldas em honra da rainha D. Leonor, então viuva de D. João II, que se encontrava nas Caldas O *auto* è pequeno e Gil Vicente pôz a seguinte rubrica: «*Não foi mais porque foi pedido muito tarde*». O *auto* é uma alusão á caridade da rainha sendo esta obra talvez a primeira representada fóra do paço e da côrte.

por um toldo, e transformavam-no em um jardim, todo illuminado a copos de côres. Hoje, como disse, é uma passagem envidraçada, ponto de reunião para a *má lingua* e para os

O CARRO DOS ANJOS

namoros, para estes não é bem um *ceu de vidro*, mas um *ceu aberto*.

Havia muitos passeios em burros a S. Martinho do Porto, ás Gaeiras, Obidos e de carruagem a Rio Maior, e quando chegavam a esta villa eram sempre entradas triumphantes com marchas *aux-flambeaux*, guitarradas, etc.

Hoje a vida das Caldas é totalmente diffe-

rente; o caminho de ferro veiu lançar a nota do modernismo, a concorrencia augmentou extraordinariamente. O Parque da Copa e a Matta soffreram com o administrador Berquó profundas modificações; vieram os sextettos substituir o velho Pavão que executava no

A CHEGADA DO CYRIO

piano umas *valsas* horriveis e uns *lanceiros* detestaveis, veio a antiga Banda da Guarda, em vez da philarmonica da terra, appareceram o *Tennis*, o *jogo da bolla*, *Foot-Ball*, os concursos hypicos, etc.

Uma antiga cavacaria das conhecidas Mendricas que existia na Praça, ponto de reunião á tarde e á noite de amena cavaqueira onde se juntavam entre outros Mariano Pina e Ra-

phael Bordallo, acabou! Raphael Bordallo, com o seu grande talento e fino conversador fazia-nos passar alli horas agradabilissimas.

No mez de setembro havia a tradicional passagem dos cyrios para a Nazareth.

ASPECTO DO MERCADO

Eram tres, o das Caldas, o da Prata Grande e o d'Obidos. Tanto na ida como na volta os cyrios davam tres voltas á roda da Praça e iam ao largo da Copa, em frente da porta do hospital, cantar as Lôas. Sómente o d'Obidos é que não cumpria ás vezes estes usos, atravessava a villa e nada mais! Se-

gundo me disseram, por causa de certas rivalidades entre as duas villas. Como curiosidade eis algumas Lôas (*) cantadas pelos anjos dos cyrios:

1.º Anjo

Parece que nossos paes
Nos dizem a rijos brados
As vossas crenças sagradas
Não percaes, filhos amados.

2.º Anjo

A' Lusa Sião! batei
As sendas que já batemos
Dai ao palacio da Patria
As honras que nós lhe démos.

3.º Anjo

E nossas cinzas lançadas
Debaixo da terra fria,
Volvendo-se reanimadas
Palpitarão de alegria.

Todos

Corramos ó caldenses, vamos já,
No mais vivo transporte d'alegria,
Render divinas graças a Maria,
Que por nós esperando está.

(*) «As *Lôas* são ainda persistentes nas romarias chamadas Cyrios; junto da ermida do Cabo, existe uma edificação chamada a *Opera*, onde o Cyrio de Lisbôa fazia varias representações, de que falla Ribeiro Guimarães; á chegada dos forasteiros ao adro da egreja, e na entrega da bandeira aos festeiros do anno futuro, os tres Anjos que os acompanham recitam *Lôas*, com versos apropriados e que provocam lagrimas. A *Lôa* é já uma especie de bando ou pregão, como o *Cri*, do antigo theatro francez.»

(*Eschola de Gil Vicente* por Theophilo Braga, pag. 529).

Terminadas as Lôas, a musica executava o hymno nacional, estalavam foguetes e o cyrio continuava na sua derrota.

Hoje todos estes costumes caracteristicos

O SOBREIRO DA FEIRA

do povo foram prohibidos, e apenas ficaram umas pobres e modestas festas de egreja.

Emfim se esta terra se parece agora com tantas outras, perdeu, quanto a mim, o seu antigo encanto, pois passou, infelizmente, a ser um bairro da nossa capital, no luxo demasiado das senhoras e nos *cancans* habituaes da nossa sociedade.

Sinto saudades d'esses tempos passados que jámais voltam...

Ah! pensarmos no passado é sempre uma dôr para a nossa alma. Passam perante nós, como imagens sagradas, figuras e factos, tudo revive perante o pensamento, e o nosso íntimo confrange-se, quando cahimos no presente, na realidade! Illusões que se desfolham como as flôres estioladas pelo correr do tempo, um mundo que foi realidade e que é apenas agora uma serie de visões semi-apagadas.

II

Em plena soalheira.

Dias de sol claro, como existem em terras portuguezas.

Por todo o campo uma luz espalha-se cheia de intensidade, havendo nos casaes, nas fazendas, nos atalhos, infinitas maravilhas de tonalidades de côres, em que as sombras se alongam em formas variadas e caprichosas.

N'aquellas horas a natureza reveste-se de esplendor, que já começára no raiar da auróra e que em breve declina no crepusculo da noite.

Varias estradas partem das Caldas, como a d'Obidos, Foz do Arelho, Rio Maior, S. Martinho do Porto, etc., mas nenhuma tem para mim o encanto da estrada que liga esta villa com o lugar do Couto, alongando-se depois até á povoação Sallir dos Mattos.

Qual caminheiro, absorvendo na alma todas aquellas variedades que o campo me offerecia, sahi das Caldas quando o sol lançava cheio de vigor, os raios sobre a terra.

Ao principio a estrada serpenteia uma pequena collina, ficando á direita, encostas de

vinhas, á esquerda um pequeno valle que se alonga em vastos campos onde fica a villa das Caldas; a nossa vista muito ao longe, divisa um trecho de S. Martinho e os môrros da entrada da bahia.

Depois a estrada desenha-se plana entre campos de vinha e pinhaes, onde aqui e allí diversas casitas muito brancas, ostentando nos telhados aboboras côr de ouro, que mais parecem ninhos de princezas encantadas, chamam a nossa ímaginação a vaguear nos labyrinthos da phantazia.

Quem não quizer seguir, como eu, este lanço de estrada tão conhecido para mim, pode retomar a estrada, então plana, mettendo-se por uma azinhaga que fica logo ao sahir da villa, depois de se encontrar um grande tanque onde geralmente um grupo de lavadeiras batem roupa branca de neve, ao som de canções simples, mas de rythmo agradavel e melodico.

A natureza jazia em uma tranquillidade mysteriosa, e atravez d'aquella azinhaga assombreada, a passarada chilreava, voltejando de ramo em ramo, misturando-se com as vozes dos homens que andavam na cava d'um campo proximo. Uma ou outra borboleta voejava por entre os silvados.

Quasi a meio d'este caminho, como retirado, escondido, existe construido, um pequeno monumento até agora despresado. Faz

recordar ás gerações futuras um acto de gratidão de uma cura realisada com um veio de agua ferrea que alli corria antigamente em abundancia.

MONUMENTO DA AZINHAGA

Hoje a agua encontra-se desviada por causa de umas escavações que alli fizeram.

Até a este anno o monumento tinha permanecido em um estado de porcaria extraordinaria, hervas cresciam por toda a parte, a

inscripção quasi desapparecida, emfim o nosso chronico desleixo.

Porém, ha dias quando por lá passei tive a agradavel impressão de ver tudo restaurado e limpo!

Não posso deixar de fallar aqui no sr. Eduardo Neves, presidente da Camara das

CAPELLA DE S. JACYNTHO

Caldas, que cheio de interesse cuidou d'este monumento, sempre despresado até a esta data!

O monumento é feito de pedra e cal tendo talvez dois metros d'altura, vendo-se na frente a seguinte inscripção:

DA ENFERMA HUMANIDADE A BENEFICIO
EM MEMORIA DO BEM JÁ ALCANÇADO
FOI ESTE PERDURAVEL MONUMENTO
POR BENEFICA MÃO AQUI VOTADO.

A PARTIDA DO MENDIGO

TANTO PODE A GRATIDÃO
E DE BEM PUBLICO O ZELO
PRAZA AOS CEUS QUE HUM TAL EXEMPLO
SIRVA AOS MORTAES DE MODELO.

1819

Ignoro o nome da pessoa que o mandou edificar: tendo pedido a dois amigos meus

FONTE DE SANTA RITTA

para investigarem nos archivos da Camara qualquer documento elucidativo nada se tem encontrado. Apenas soube depois que a inscripção foi feita por Agostinho Paulo d'Andrada Mendóça.

No trajecto até ao Couto, encontramos digno de nota a Fonte de Santa Rita, sempre

muito caiada de branco, tendo em um nicho a imagem da santa. Mais adiante a quinta do Arieiro, com magnifica nascente, e proximo do lugarejo, semi escondida, entre campos de vinha, isolada, uma capella, cujo patrono é

UMA RUA DO COUTO

S. Jacyntho, tendo interiormente magnificos azulejos.

O lugar do Couto é muito curioso pelo lado rustico, quasi selvagem que apresenta; apenas uma rua central, andando em plena liberdade galinhas, patos e pórcos. Varios bècos cheios de estrumeiras encontram-se

d'um e d'outro lado da rua central. As casas em relação á hygiene das ruas. As mulheres são feias e tisnadas pelo sol, e durante o dia, emquanto andam pelas fazendas no labutar quotidiano, deixam as crianças no lugarejo tambem em pleno convivio com os animaes!

A CAPELLA DO COUTO

Existe no Couto o typo de mendigo que anda de porta em porta esmolando, e conforme é a importancia da esportula assim elle canta mais ou menos tempo. Tem a perfeita vida de vagabundo, recebendo agasalho d'esta pobre gente.

A ermida é junta ao cemiterio, ficando no fim do lugar. Tem um aspecto modestissimo,

na frente um terreiro d'onde se avista um grande valle, tendo ao fundo uma cadeia de serras, e muito ao longe espalhadas diversas povoações como: Casaes da Ponte, Sallir dos Mattos, Cruzes, Guisado, Casal da Areia, Tôrre, Barrantes, Infantes, etc.

PRAIA DE S. MARTINHO

Já a noite se avisinhava quando deixei aquelles sitios. O modesto sino da ermida badalava sons das *Ave Marias;* por toda aquella região houve uns certos instantes, em que a nossa alma se elevou a regiões sagradas.

Uns trabalhadores que ao longe cavavam, pararam de trabalhar e ficaram como suspensos ouvindo aquelles sons que echoavam pelos campos.

Então á minha memoria vieram aquelles notaveis versos de Lamartini, o *Isolement:*

....

«Cependant, s'élançant de la flèche gothique,
Un son religieux se rèpand dans les airs:
Le voyageur s'arrête, et la cloche rustique
Aux derniers bruits du jour mêle de saints concerts.»

....

O sol no horizonte rubro de fogo despedia-se da terra passando para outros mundos.

Pastores passavam com os rebanhos em direcção ás arribanadas, levantando nuvens de poeira.

Assim toda a paysagem ia desapparecendo pouco a pouco em sombras envolventes de mysterio.

A noite veiu beijar a terra e o silencio reinou profundamente em toda aquella região

---

III

Em pleno campo, quando o sol despontava no horizonte e vinha encher de luz os prados perfumados e os valles floridos, já eu estava lendo á janella do meu quarto um artigo de Emilio Faguet, referente a ferias de estudantes. O illustre escriptor, fallando do mez de setembro, diz: «*Je lui voudrais un joli nom, fait de joie, d'abondance, de grace plantureuse et d'un commencement seulement de mélancolie douce* »

Se Emilio Faguet conhecesse o mez de setembro n'esta região, chamar-lhe-hia o mez da Luz, pois toda esta paysagem é illuminada de um tal brilhantismo de sol, que as estradas e regatos assemelham-se a fitas de prata muito brancas que se alongam dolentemente.

A natureza, os contórnos das arvores, os lugarejos espalhados ao longe nas encostas dos outeiros, iam apparecendo, pouco a pouco e a luz tenue da madrugada ia cedendo o lugar a outra mais scintillante, conforme ia subindo no horizonte o grande astro da vida.

Uma ave passou piando perdendo-se depois de vista para o outro lado da montanha, e tive vontade de lhe perguntar como em uns versos de Xavier de Maistre:

«Parle-moi du bruit des torrents,
Des lacs profonds, des frais ombrages,
Et du murmure des feuillages
Qu'agite l'haleine des vents.»

Deixei por momentos o livro que estava lendo, e pensei em todos aquelles que não comprehendem as mil variedades de attractivos que o campo encerra.

No campo a nossa alma expande-se, e seja artista ou não, ha-de por força reconhecer o encanto do Bello, que alli está vincado nos menores detalhes, n'esses pequenos nadas que são sempre grandes paginas do glorioso livro da creação.

Para què nega-lo? Não nos sentimos pequenos, verdadeiros pygmeus, quer nos encontremos perante uma grande montanha, ou na frente d'um abysmo profundo?!

As arvores seculares com as suas cópas frondosas espalhando sombras beneficas e agradaveis, onde as aves se aninham quando a noite chega e d'onde com os seus gorgeios louvam o romper da aurora, não serão revelações do poder do Creador?

As azinhagas, os atalhos floridos, os regatos cheios de frescura, as fontes murmurantes,

não indicarão um grande poder suggestivo ao pintor, ao musico, ao poeta, atravez da gamma das côres, da combinação dos sons, da escolha das rimas?

O meu pensamento ia assim divagando e o sol já alto illuminava de tal intensidade os

ESTRADA DO AVENAL

campos, que toda a paysagem se fundia agora em uma symphonia de colorido intenso, como se quizesse revelar ao meu pensar que se achava revestida do seu manto de brilhantismo, para a admirar, e lhe prestar preito e homenagem.

Sahi para poder respirar melhor aquelle ar matutino perfumado pelas singelas flôres

dos atalhos, e embrenhar-me por aquelles pinhaes assombreados e atapetados de espessa caruma.

Toda a atmosphera estava luida por uma leve brisa que corria mansamente.

Gente que passava dava-me os bons dias, com aquelle aspecto de ingenuidade que não se encontra nas cidades.

Os tópos dos pinheiros rangiam ao vento, e sons de vozes chegavam aos meus ouvidos, semi-confusas.

Das chaminés das casas, brancas como noivas, subiam espiraes de fumo que se elevavam pelos ares; eram os primeiros lumes, iniciavam-se os primeiros labutares dos lares, d'aquella gente pobre, humilde, de corações singelos e simples.

Os trabalhadores no campo accendiam os lumaréos entre duas pedras que sustinham uma negra pannela cheia de caldo fumegante.

Em todas aquellas almas rusticas havia o estigma da simplicidade, despido de convencionalismos sociaes. Todo o dia labutam e a terra que lhes absorve o suor do rosto, é a sua segunda mãe. E' o torrão que os viu nascer, que lhes amparou os primeiros passos e que os viu pela primeira vez chorar.

Ha typos no nosso campo que, vistos uma vez, jamais se olvidam. Maria Angela está n'este caso.

Maria Angela?! perguntará o leitor, admi-

PINHAL DA COPA

rado de vir fallar aqui d'uma pobre creatura, quando o meu pensamento divagava pelas regíões da phantazia!

E' que Maria Angela encarna na alma o soffrimento mais nitido, mais caracteristico da tristeza, da saudade, acariciada apenas por essa fazenda, por esse rincão de oliveiras lá ao longe junto ao rio.

Maria Angela era considerada a moçoila mais formosa do seu tempo; ainda hoje existe o José Vicente, barbeiro, que attesta que fez andar á roda muitas cabecitas da sua mocidade.

Hoje... são apenas restos de formosura passada; desgostos vieram uns apoz outros e os annos foram pouco a pouco decompondo aquellas linhas do rosto, dos peitos, das ancas, restando apenas o olhar cheio de carinho e bondade.

Quando nova, o seu casamento com o Manuel da Quinta foi origem de festa rija na aldeia, o sino da capella repicou todo o dia! Se ella era a mais linda do lugar!

O marido, passados annos, morreu de febres, deixando-a abandonada com tres filhinhos, que ella foi amparando á custa de duras economias até se fazerem homens. Mas a desgraça de Maria Angela não ficou por aqui, parece que uma estrella funesta a acompanhava sempre!

O mais velho, o Antonio, como militar,

lá morrêra nas Africas defendendo como um heroe a bandeira da sua querida Patria; o do meio, o José, suicidára-se por causa da mulher que o enganava; o mais novo, o Thomé, atravessara-lhe o peito uma bala, por engano, n'uma desordem em um arraial.

Todas estas dôres reunidas formaram a maior tortura da sua alma.

Os annos passaram e hoje a Maria Angela, longe do mundo, orando apenas pelos seus que Deus lá tem, ampára conforme pode os desgraçados que á sua porta batem.

Maria Angela é caritativa como a terra que ella amanha; esta dá-lhe trigo, centeio, milho, para a desgraçada repartir pela pobreza; e parece que as lagrimas dos pobresinhos que ella acolhe lhe vão regar a fazenda, pois esta está sempre tão viçosa!

Pelo menos é a *lenda* que corre pela aldeia... e não será agradavel acreditarmos n'ella?

IV

As chuvas ultimamente cahidas deram aos campos o aspecto d'um grande vergel perfumado, em que os tons verdes de variadas tonalidades palpitam cheias de viço e frescura.

As oliveiras, carvalhos, plátanos, choupos, mais além os valados, muito limpos da poeira, apresentam no seu aspecto uma alegria inconsciente que o homem adivinha pelo prisma da sua analyse.

Os pinheiraes desprendem de si um perfume vivificante; as fontes, os regatos, as vertentes dos montes, são sagradas imagens de aspectos differentes da natureza quando esta se recama de toda a força de Belleza transcendente.

Lá ao longe passam rebanhos para o pasto; caminham na sua tranquillidade habitual e monótona, ao passo que o pastor os vae conduzindo, tocando na avena rustica o thema de qualquer canção, desabrochada na sua alma simples e ingenua.

Para mim o pastor é um symbolo de simplicidade. O rapazola que conduz o gado todo

o dia, que vive isolado, pelas charnecas em fóra, possue um alto grau de poesia campezina, é uma fonte de psychologia emotiva e subtil.

O pastor é um ente que vive affastado de toda a serie das manifestações do saber humano, separado da melhor descoberta, alheio a todo o alimento intellectual do nosso eu. O seu horizonte de pensamento é semelhante ao visual, acanhado e curto, tendo por limites o ceu que o cobre e a charneca immensa que elle pisa sob os raios do sol.

Se fallarmos ao pastor na menor descoberta, responderá por uma gargalhada, sem mesmo comprehender as palavras que lhe dirigimos. E essa gargalhada franca, não será symptoma de estupidez, mas o signal de uma intelligencia inculta.

No pastor, apesar de desconhecer a existencia, no que ella possue de mais bello dentro da sua razão de ser, como nós a conhecemos, vemos n'elle o protótipo do artista em embryão!

O pastor é artista de nascença, foi o meio campezino que lhe dictou na alma uns limitados principios de esthetica.

O murmurio das fontes, o chilrear das aves, o ranger das arvores pelo vento da tempestade, o scenario que os campos lhe apresentam quando lhe mostram a mistura irregular das diversas côres da carvalhiça, dos pilri-

teiros, do tôjo, da carqueja, do rosmaninho, do carrasco, das giestas e outras plantas campezinas, tudo desperta n'elle a ideia do Bello, d'uma forma rudimentar, pois que o ignora, mas que o dispõe a possuir uma alma embe-

AVENAL

bida sempre n'uma especie de Belleza ainda que pura, ingenua e simples.

Quando elle, no cimo de um outeiro, isolado, pega da avena, feita por elle, e toca uma canção, não veremos uma alma vibrante de sentimento?!

De tez tisnada pelo sol, cabello desgrenhado, peito semi-nu, olhar vivo, contempla

carinhosamente a terra que o viu nascer e chama-lhe sua segunda mãe. Desde o romper da aurora o pastor vae caminhando e os sons da sua flauta rustica echôam pelos valles cavados entre abysmos, perdendo-se no grande espaço onde reina o silencio apenas quebrado pelos chocalhos do gado.

Eis um trecho de paysagem que o pintor poderá reproduzir na tela, mas por melhor que seja a obra do artista nunca traduzirá toda a sua belleza philosóphica, nascerá uma paysagem quasi sem vida, quasi morta!

Se queres leitor, conhecer bem a paysagem portugueza, embrenha-te pela charneca, vive na existencia semi-selvagem das serras, contempla frente a frente os abysmos, entra no lar do camponez, do humilde cavador, analysa o seu labutar quotidiano, ouve-lhe as canções, ora alegres como o trinar dos passaros, ora tristes como o murmurio das levadas, depois então verás como o artista é deficiente para a traduzir no numero infinito das suas phases suggestivas, na gamma dos seus aspectos encantadores!

Como disse, a chuva viera refrescar os campos verdes, vibrantes, como preciosa esmeralda.

Do alto de uma pequena colina via na minha frente um trecho da villa das Caldas semi-escondida pelas copas dos arvoredos; na linha do horizonte as areias brancas da

Foz do Arelho e a lagôa d'Obidos, espelhada, semelhando-se a um triangulo de prata.

A' esquerda mais ao longe, divisavam-se as ruinas do castello d'Obidos, sobranceiro a todas as redondezas; jaz alli solitario, derruindo-se pouco a pouco; uma pagina da

PASSANDO UM RIBEIRO

nossa historia, restos de uma época de conquistas e heroicidades!

Com o seu aspecto negro e majestoso, desenhava-se ao longe em linhas severas, servindo de contraste áquelle fundo de paysagem toda garrida e respirando vida.

Um bando de pombas brancas sahiram de

um pinhal, e lá foram voando, batendo as azas, brancas como a espuma do mar, leves, muito leves!

Nos campos de vinhas alli proximos, junto ao lugar do Avenal, ranchos de raparigas, espalhadas aqui e alli, andavam vindimando sob uma intensa luz de sol brilhante.

Mais além diversas dórnas, em carros de bois, estavam quasi cheias de formosos cachos que em breves horas estariam nos lagares,

«Les grands chars gemissants qui reviennent le soir»

como disse Roujon referindo-se ás vindimas da Gascônha.

Havia na fazenda um movimento desusado; todos trabalhavam com afan. Vinho novo! Vinho novo! O sangue do trabalhador!

Entrei na herdade por uma tôsca e negra cancella de ripado, um cão branco com malhas pretas correu logo a ladrar-me, era um claro aviso que estava em terra extranha.

— Cala-te *Fiel*, disse uma voz fórte sôlta do meio da vinha.

O animal foi prompto em obedecer e deixou-me em paz. Apezar de dizerem «cão que ladra, não morde» não me foi muito agradavel a visita do *Fiel*...

Era um quadro digno de vêr-se, ao passo que o labutar enchia de alegria aquellas almas rudes e simples, as raparigas, como gorgeios

d'aves, cantavam quadras como estas que eu pude anotar:

Perguntei ao sol se viu,
A' lua se o encontrou,
A's estrellas se souberam
D'um amor que me deixou.

Majaricão da janella,
Todo bordado aos ramos.
Os dias que te não vejo
Para mim parecem annos.

Quatro flôres em meu peito,
Fizeram sociedade,
Malmequer, Amor Perfeito,
O Martyrio e a Saudade.

Eu heide-te amar, amar,
Quer tu queiras, quer não queiras
Eu tenho por minha banda
Quatrocentas feiticeiras.

Subi ao ceu por uma ameixa,
E desci por um cacho d'uvas
Ninguem se fie nos homens
São falsos como Judas.

A rapariga ao cantar esta quadra, sorriu e olhou para mim, um olhar franco; mas traduzindo talvez um pouco de malicia.

Os versos eram dirigidos a mim, com certeza, pois eu já vinha bastante longe e ainda ouvia as gargalhadas das raparigas!

Quando d'ahi a dias encontrei casualmente na estrada a rapariga dos versos, parecia que a sua voz ainda me dizia aos meus ouvidos:

«Ninguem se fie nos homens
São falsos como Judas.»

Ella olhou para mim, abaixou os olhos, córou e sorriu-se.

Reconhecêra-me... mal sabia ella que eu já lhe perdoára ha muito a injustiça.

V

Dias de chuva! Responderás tu, leitor, muito convicto: «Dias de verdadeiro martyrio.» Engânas-te por completo. Cá pelo campo, não existe um momento que não seja bafejado por um terno lampejo de poesia ideal.

Se toda a natureza parece desabrochar-se n'um enlêvo de alegria, quando bebe sôfrega os raios do sol, tambem em dias de ceu pardacento e de constantes chuvas, os campos que se alongam perante nós, dão-nos a illusão de um ente cheio de paciencia evangelica, pois suportam as bategas d'agua, as fortes ventanias, com um heroismo de martyr, sem o menor queixume! Apenas o ranger dos troncos das arvores seculares, assemelha-se a gargalhadas de bruxas sahidas das cavernas das montanhas, e os ribeiros correm sinistros batendo com violencia pelas pedras espalhadas aqui e alli ao capricho da sorte.

O ceu rasga-se como por encanto, as nuvens acastelladas desagregam-se, abrem-se clareiras azues, e raios de sol beijam as cristas

dos outeiros, os prados, os campos de vinha, os lugarejos.

Parece que um novo dia nasce!

Então a natureza, sob aquella luz cheia de poeira d'ouro, apresenta um aspecto como se estivesse com um manto de diamantes. As gottas vão-se diluindo pouco a pouco, e as flôres humildes, semi-escondidas nos atalhos, parecem que sorriem de alegria.

Abrem-se as portas das casas, e as criancitas saltam para o meio da estrada, alegres como bandos de pardaes.

Em um casalito lá ao longe, meio encoberto por um pinhal, appareceu logo a Maria Rita rodeada dos netos, *um casal de anjos,* como ella lhes chamava.

Por estes sitios todos conhecem a Maria Rita; já tem setenta e tres annos e está rija como ferro, sendo a admiração de todos!

O filho, o Manoel, mais a mulher encontram-se no Brazil a tentarem fortuna, e para não deixarem a velhinha sosinha e desamparada com aquella idade, confiaram-lhe temporariamente o cuidado dos filhos.

A' Maria Rita custara-lhe muito a partida do filho para as terras da America, ella bem sabia que ia á procura de melhor futuro, mas a separação horrivel foi para o seu coração de mãe um sangrento golpe, pois pensava sempre que jámais o tornaria a ver.

Por isso, vendo nos netos, n'aquellas crian-

CHOUPOS

ças, ainda o sangue que lhe corria nas veias, a sua dôr de eterna saudade ia-se diluindo por aquelles dois pequenos entes, amparando-os com os carinhos de avó, com um amor terno e puro, como cristalina era a agua do rio que reflectia, em uma deliciosa miragem, os elegantes choupos das suas margens.

Depois do jantar ao meio dia, era sabido que Maria Rita se assentava no degrau da sua porta, assombreada por uma frondosa latada, e onde um melro, em uma simples e singella gaiolla de canna, lançava alegres cantos.

Maria Rita fazia meia, os netos, sentados aos pés, olhavam para ella, ávidos de curiosidade; era tambem a hora em que a avó lhes contava varias historias que ella sabía de cór desde os primeiros alvores da sua juventude.

Nunca me cançava de contemplar aquelle quadro de familia, que dentro das suas côres de simplicidade, dimanava um encanto infinito de paz e bondade.

-- O' avosinha conta-me hoje a historia do *macaco*? disse o mais velho cheio de impaciencia.

— Hoje ha-de ser a hístoria do *castello encantado* que eu gostei tanto, disse a pequena beijando muito as mãos da avó.

— Hoje os meus queridos netos, terão uma historia nova muito bonita.

— Qual?

— Como se chama?

E as duas crianças doidas de contentamento, batiam com as mãos umas nas outras, como avesinhas sacudindo as azitas quando os paes se aproximam do ninho.

— A historia chama-se a *Princeza dos cabellos de luar;* attenção meus meninos.

Fez-se um grande silencio e Maria Rita continuando da mesma forma fazendo meia, com voz pausada começou:

— Era uma vez um grande fidalgo, que vivia no alto de uma montanha em um castello feito de crystal e pedras finas. Vivia sosinho, apenas com os criados, sempre triste, passando os dias e as noites chorando de tristeza.

A sua maior alegria era ter uma filha, uma menina muito formosa, que fosse por sua morte a feliz herdeira dos seus dominios.

Passavam-se os annos e D. Gaspar jazia sempre absorvido n'aquella continua angustia, n'aquelle eterno martyrio. Porém, uma linda noite, passando o velho fidalgo pelos seus bosques, gozando o bello luar, que enchia as ruas de sombras movediças, D. Gaspar viu semi-escondida no bosque uma linda menina vestida de branco; foi ter com ella e disse-lhe:

— «Que faz por aqui, tão só n'estes ermos, de noite?!»

E a menina respondeu:

— «Fui despresada pela sorte bemfazeja e procuro agasalho, tenho frio e fome.»

— «E' d'aqui, d'estas terras? disse-lhe o fidalgo, interessando-se muito pela menina.

— «De longe venho, dizem que sou filha da lua e ninguem me quer por ter sempre os cabellos da côr do luar.»

— «Não te afflijas, virás comigo para o meu palacio e alli viverás como uma princeza.»

A menina ficou muito contente e foi recebida no palacio com as maiores honras. Houve uma grande festa no castello, os sinos da capella repicaram, e a menina alli viveu muitos annos em companhia de D. Gaspar que nunca mais teve um dia de tristeza.

— Ai que lindo, minha avó, o pae sabe esta historia? disse o pequeno cheio de curiosidade.

— Sabe, contei-lh'a muita vez, quando era pequenino como tu.

— O' avosinha, disse a pequena, conte outra, esta é tão pequenina! Olhe, aquella da filha do demonio...

— A *Branca Flôr?*

— Sim, sim, disseram os netos em côro.

— Era uma vez um grande rei que tinha um filho chamado João, muito jogador. Uma noite fugiu do palacio para correr mundo á procura de aventuras. Chegou a uma terra e entrou n'uma casa de jogo, n'essa noite perdeu todo o dinheiro sendo ganho por um sujeito que era o diabo em pessôa. A' sahida disse o

diabo a João: «se queres conhecer o meu palacio, vae á ribeira aqui proxima onde existem duas estradas, segue pela mais larga para encontrares o meu palacio. O principe assim fez, porém quando chegou á ribeira encontrou duas raparigas, sendo a mais nova muito formosa. João brincando com esta, fingiu tirar-lhe uma roupa, ella pediu-lhe muito para que lhe desse o fato e que em troca o auxiliaria. Então aconselhou-o a que seguisse pela estrada mais estreita, pois pela mais larga seria morto.

NA VOLTA DO MERCADO

«Olhe, disse a rapariga, eu sou filha do dono do palacio e chamo-me Branca Flôr, não lhe diga que me falou.» João agradeceu muito aquellas boas palavras e poz-se a caminho. O principe esteve bastante dias no palacio do demonio, seguindo sempre ás escondidas os

conselhos da Branca Flôr. Um dia o diabo disse a João: «Vae a um cerro com meio alqueire de trigo para semear e no fim do dia quero já ter pão cosido.» O pobre principe partiu banhado em lagrimas, vendo que era impossivel cumprir aquellas ordens! «Porque choras?» disse Branca Flôr; e o principe respondeu: «Não posso cumprir as ordens de teu pae.» Então Branca Flôr, disse a João que se encostasse ao seu peito. João adormeceu profundamente. Então a filha do diabo com a varinha de condão, fez crescer o trigo, foi debulhado e cosido o pão. Quando o principe acordou ficou radiante de contente. Como o diabo visse que nada conseguia e tivesse notado que tudo era obra de Branca Flôr, resolveu mata-los. Então o principe e Branca Flôr fugiram, e apezar dos esforços do demonio para os encontrar nunca poude conseguir. A mulher do diabo disse então: «Quando o principe receber o abraço da mãe, nunca mais se lembrará de nossa filha.» E foi certo, porque o principe chegou ao palacio e esqueceu-se de Branca Flôr. Esta desgostosa e triste ficou morando sosinha, proximo ao palacio. Todos fallavam a João n'aquella menina tão bonita que alli morava e um dia o principe quiz visita-la. Achou-a muito formosa, mas não a conheceu! Mas Branca Flôr bem sabia que a culpa não era d'elle e então disse-lhe: «Perdou-te o esquecimento, tens bom coração.»

Ficaram ambos muito contentes e d'ahi a pouco tempo casaram, tendo havido muitas festas no palacio E acabou a historia.

As crianças riram muito e pediram á pobre velha que desejavam ouvir no dia seguinte a mesma historia

Se a avó cumpriu o pedido dos netos, ignoro, mas é de crèr que lhes contaria novamente.

Ella não via outra coisa senão aquellas pobres crianças!

VI

Por uma bella tarde de fins de outubro, quando a natureza começa a sentir-se triste como adivinhando os frios invernaes, em que as folhas amareladas e murchas cahidas das arvores se vão depositando em monticulos com a lama pelas valetas das estradas e pelos atalhos, sahi da villa das Caldas e tomei a estrada de Rio Maior para visitar os lugares dos Mosteiros e Vidaes.

O dia apresentava-se como um parenthesis de belleza ás semanas seguidas de chuva e forte ventania que me obrigaram a passar os dias em casa.

Ia agora respirar um ar repassado de humidade em que o cheiro do matto se apresenta mais activo e penetrante.

O principio da estrada guarnece pelo lado esquerdo toda a matta do hospital, sempre subindo até se embrenhar depois em lindos pinhaes que a tornam a mais pittoresca das estradas.

D'um e d'outro lado avistam-se pequenas terriolas, ao longe em horizonte largo fazendas

amanhadas e diversas eiras. Moinhos ostentam altivos as suas velas brancas que giram dolentemente, cortando o ar, gementes como suspiros cortados pelas lagrimas da dôr. Pelos valles e outeiros aquelles sons echoam preludiando adagios de agonias lentas.

UM TRECHO DOS VIDAES

Caminha-se depois pelo valle de Santa Cecilia, região assombreada por frondosas arvores, em que a estrada na linha caprichosa do seu traçado se alonga em curvas, podendo-se gozar a paysagem em diversos aspectos. A estrada torna a subir novamente por entre campos de sobreiros e oliveiras descendo d'ahi a pouco para entrar na ponte da Matoeira.

VALLE DE SANTA CECILIA

Aqui os campos mudam de aspecto, a natureza reveste-se de novas galas, acabam os pinhaes e lanços de estrada são assombreados por altos choupos e eucalyptos; campos de

ARCO DA MEMORIA

vinha, oliveiras e carvalhos acompanham a estrada até Mosteiros e Vidaes.

A povoação dos Mosteiros é insignificante, casas com aspecto pouco limpo, e outras deshabitadas com as janellas cerradas, vidros partidos, etc.! A capellinha é bastante rustica com porta para a estrada, mas pelo lado da lim-

ESTRADA DOS VIDAES

peza forma um perfeito contraste com o resto da aldeia.

Já a povoação dos Vidaes denota maior importancia. Dois predios bastante grandes, bellas quintas e magnificas adégas. Notei que existe n'esta aldeia um certo gosto pelas flòres! A maior parte das casas tèm á janella o seu modesto vaso de sardinheiras, e pelas paredes trepadeiras floridas. Assim o lugarejo reveste-se de uma ingenua alegria á mistura com o labutar dos trabalhadores, e com o piar das aves que sahem em bandos das copas dos arvoredos.

Proximo d'esta aldeia no alto da serra de Albardos existia até ha dois annos o *Arco da Memoria*, (*) todo de cantaria, com cinco metros de altura, tendo na parte superior a estatua de D. Affonso Henriques. Este *arco* representava o primeiro marco dos coutos de Alcobaça. Ha dois annos que este *arco* foi destruido parte pelo tempo e falta de reparação, parte por mãos de vandalos que não respeitam nada, quando monumentos d'esta ordem deveriam ser guardados e estimados como

---

(*) O meu amigo e distincto *sportman* o sr. Jorge de Almeida Lima tendo notado o abandono a que estava condemnado tal monumento historico, offereceu á então *Real Associação dos Arqueologos Portuguezes* uma photographia do *Arco* fazendo tambem ver o seu abandono e ruina. Mais tarde o sr. Jorge Lima recebeu da *Associação* um honroso officio dizendo que tinham sido dadas serias providencias! Isto foi no anno de 1910! Hoje disseram-me que nada existe!!!

verdadeiras reliquias. Hoje nada existe, segundo me disseram, pedras espalhadas aqui e alli, nada mais! Geral desmasêlo da nossa gente!

São paginas da nossa historia que vão desapparecendo pouco a pouco e as novas gerações d'aqui a annos não terão onde possam ver, analysar epocas remotas, testemunhas vividas que o correr dos seculos não conseguiu derruir mas que o fraco senso dos homens destroe em poucos annos!

VII

> «Oh patria minha, oh patria encantadora,
> Antigo alcáçar, Obidos amada,
> Se por braço infiel edificada,
> Ha seculos da Cruz adorada.»
>
> *Silveira Malhão.*

Um dos arredores das Caldas mais digno de ser visitado é decerto a villa d'Obidos.

Obidos! como este nome evoca paginas da nossa historia! Ao entrarmos dentro dos seus muros, quando percorremos as suas ruas e bêcos, quando analysamos as suas egrejas e cruzeiros, quando deparamos com seus antigos nichos, illuminados pelo classico lampião em ferro batido, quando emfim olhamos para o seu castello em ruinas, temos a impressão que vivemos em outra epoca bem differente da nossa!

E' uma terra que parece viver do seu passado; dentro das suas grossas muralhas os habitantes são descendentes de antigos heroes, que a conquistaram com rara bravura; vivem como separados, isolados de todos, adorando um passado brilhante que jamais poderá mor-

rer pois está gravado para sempre na historia portugueza!

A maior parte das famílias vão a Obidos, á laia de simples passeios, meros pretextos para burricadas, nada mais!

Não! visitar Obidos d'esta forma, chega a ser um crime d'arte!

Esta villa com o seu suggestivo aspecto antigo é um constante livro aberto onde po-

VISTA GERAL D'OBIDOS

demos colher um numero infinito de elementos curiosos para a nossa vida historica. Dimana de si propria uma constante força de belleza tão caracteristica que não se assemelha com as demais terras d'esta região. Logo que a avistamos ao longe corôada pelas torres do castello, apresenta-se sob um prisma de nobreza, de superioridade, verdadeiramente altiva!

Não contando com um pequeno numero de casas que têm construido fóra dos muros, a villa é cercada por grandes muralhas com ameias e diversas torres. Estas muralhas possuem as seguintes portas: da *Cerca*, da *Villa*,

O CASTELLO D'OBIDOS

do *Telhal* e do *Valle*. Tanto do alto do castello como das muralhas avista-se um panorama magnifico; divisamos as Gaeiras, Quinta das janellas, (*) Varzea da Rainha, etc.

(*) Esta quinta é hoje propriedade do sr. Luiz Gama. Diz-nos o *Panorama*, vol. V, o seguinte: «Foi pertencente a D. José d'Alarcão, filho de D. José d'Alarcão e da condessa de S. Vicente. Morreu n'esta quinta, d'uma colica, a 21 de julho de 1742 o infante D. Francisco, irmão d'el-rei D. João V.»

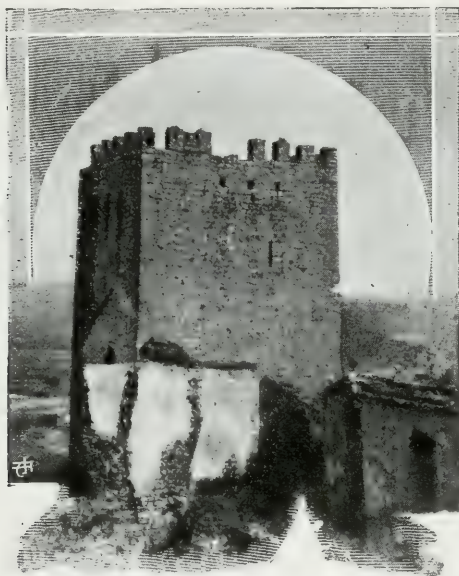
Sobre a fundação d'esta villa nada podemos dizer de certeza, ha quem diga que data do anno de 1364 antes de Christo, mas tudo isto são meras conjecturas. (*) Para nós começa a ter importancia apoz 11 de janeiro de 1148, dia em que foi tomada aos mouros por D. Affonso Henriques.

Entrando-se no castello, olhando para todas aquellas pedras negras e carcomidas pelas chuvas de muitos seculos parece que nos dizem á nossa imaginação tudo que sabem e que presenciaram! E foi olhando para aquellas ruinas que ellas me traduziram passagens gloriosas da sua vida. Assim pude sinthetisar no meu espirito alguns factos historicos; quanto Obidos foi grande em lealdade a D. Sancho II, resistindo cheia de coragem ao cêrco imposto por D. Affonso III; reconhecendo-lhe depois tal valor que lhe deu o titulo de *sempre leal!* A forma como o rei D. Diniz cuidou com interesse d'esta villa mandando

(*) Segundo consta, em epocas remotas chegou ali um braço de mar, na estrada das Caldas a Torres Vedras, perto do rio Arnoia que entra na lagôa d'Obidos e vae desaguar no Oceano Atlantico. Não admira que os terrenos, atravez dos seculos, tenham soffrido tantas transformações e que hoje esse braço do mar tivesse desapparecido. O chronista Frei Francisco Brandão, meiado do seculo XVII, já notava que as areias davam causa a obstruir-se o escoamento das aguas fluviaes. Diz elle que o rio *Alfeizirão*, no reinado de D. Manuel, podia com oitenta navios de alto bordo. No porto de S. Martinho o areiamento já era notavel. Sobre o rio *Alfeizirão* devemos notar bastante exagero!

Por esta região d'Obidos havia grande numero de bosques onde abundavam cervos, javardos, coelhos, etc.

O *Livro vermelho* de D. Affonso V diz que na lagôa habitavam e se criavam *Cysnes* selvagens.

construir um castello sobre um enorme rochedo, e dando o senhorio d'esta villa quando do seu casamento á sua mulher a rainha santa Isabel; o cuidado que teve D. Fernando em

UMA TORRE DO CASTELLO

mandar reparar certas muralhas e construir outras, e por fim como esta villa assistiu aos primeiros tiros entre as tropas portuguezas aliadas com os inglezes contra os francezes, realisando-se no dia seguinte, 16 de agosto de 1808, a batalha da Roliça, proximo d'Obidos,

Estas datas vinham á minha mente umas apoz outras e todas aquellas figuras que tanto illustraram o nome portuguez, passavam rapidas perante mim como se sahissem d'aquellas ruinas, a fazerem lembrar ás gerações modernas quanto foram grandes e quanto amaram a sua Patria!

UMA PORTA NO CASTELLO

Quando sahi do castello, era já ao cahir da tarde; a villa jazia sobre uma tenue claridade crepuscular, e o sol desapparecia no horizonte, lançando as ultimas resteas de luz sobre toda aquella região banhada de silencio e paz.

Rodrigues Cordeiro em poucas palavras resumiu o valor da villa d'Obidos, e fê-lo de uma forma tão suggestiva que é quasi um dever transcrever para aqui os seus brilhantes periodos:

«Então era a lembrada dos reis, hoje é a esquecida; então era a rica, a feliz, a namorada do guerreiro, hoje é a decrepita, que vê carcomida e quasi tombada a sua corôa de muralhas.

UM TRECHO DA VILLA

«Incomprehensiveis destinos humanos!

«Para nós, que não podemos ser indifferentes ás glorias da patria, que não somos como o villão *que passa por um homem de bem sem lhe tirar o chapeo, porque lhe vê a face incarquilhada e a capa velha,* que não somos dos

que a matizam ou cobrem d'injurias porque a veem descida do throno, é Obidos ainda:

«A *veneranda*, a coeva da monarchia, que pode sorrir com desdem para os que vierem

EGREJA DE SANTA MARIA

depois, e a olham sobranceiros porque se vêem agora mais ricos e mais considerados;

«A *sempre leal*, que pode levantar a fronte desassombrada, olhar para Toledo, e fitar o tumulo do infeliz D. Sancho II, como dizen-

RUA E CRUZEIRO

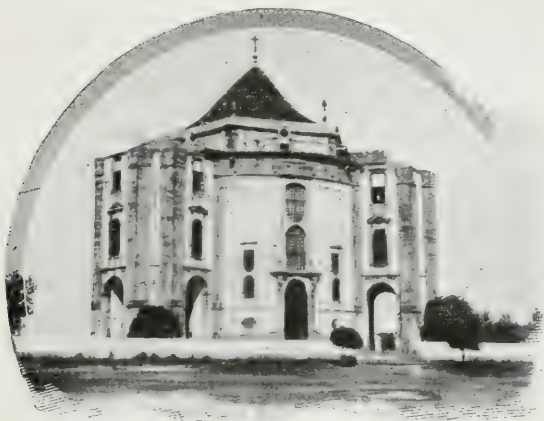
do-lhe: — fui-te fiel, fui como a tua Coimbra, e a tua Celorico, emquanto todas as outras te trahiram.

«A *nobre*, que pode apontar para os seus pergaminhos, e desvanece-se do seu brazão d'armas — uma torre de prata assente sobre

CAPELLA DAS GAEIRAS

rochedos, onde tremula uma bandeira — e do seu aqueducto, dadiva de duas rainhas (D. Leonor e D. Catharina); do seu roqueiro castello, presente de um D. Diniz; da sua gloria de haver sido escolhida para dote d'uma Isabel, santa rainha de Portugal.

«A *sabia*, que pode rever-se em seus filhos e mostrar á patria, a par dos que são heroes pelas armas, os que pela intelligencia e pela

penna não são menos distinctos — um Antonio de Macedo Neto e Mello, um Fr. Antonio de S. Thomaz, um Fr. Dionizio Matoso, um Fr. Estevão Annes, um Francisco Vaz Tagarro, um João Campello de Macedo, um Fr. João da Nazareth, um Fr. José de S. Rufo, um Fr. Luiz

O SENHOR DA PEDRA

de Sá, um Fr. Manuel da Cunha, um Fr. Martinho Pereira, um Fr. Miguel da Natividade, uma Josepha d'Aiála, e os Malhões — illustres no trato das musas, distínctissimos na eloquencia do pulpito.»

Sim, mais uma vez direi que é neccessario visitar Obidos, analysar a villa sob um aspecto de reliquia valiosa, pois tudo possue um caracter antigo que nos fascina. Quando visitamos

as egrejas de Santa Maria, de S. Pedro, de S. Martinho, (*) cada uma com os seus quadros de valor, os seus tumulos, etc., a nossa alma vibra perante todos aquelles objectos que são testemunhas constantes de tempos passados, epocas em que fômos grandes e notaveis.

Na egreja de Santa Maria ainda pude executar no velho orgão um *Preludio* de Bach, e toda aquella musica espalhou-se como por encanto por todo o ambiente sagrado que me rodeava; tive então a illusão que um cortejo d'anjos descera do ceu á terra para cantarem a Deus um hymno de louvor. Fiz soar as ultimas notas do *Preludio* e tudo jazeu novamente no silencio continuo.

Muito proximo da villa d'Obidos existe a egreja do *Senhor da Pedra*, digna de ser tambem visitada. E' da epoca de D. João V, as obras começaram em 1740 e foi aberta ao culto em 1747. A parte exterior da egreja não foi terminada por causa da morte do monarcha. A titulo de curiosidade direi que os medicos aconselharam a D. João V os banhos das Caldas e logo se mandou concertar as estradas e construir alli palacios de madeira

(*) Esta capella foi vendida o anno passado a meu irmão Visconde de Sacavem (José). Foi fundada pela familia Lafeta, natural de Cremona e que viveu em Portugal. Tem por brazão um castello de ouro em campo azul. Existem n'esta capella dois tumulos em pedra e varias inscripções.

para alojarem a côrte, e foi o cardeal da Cunha benzer as estradas, dias antes da partida do rei. Apenas a côrte chegou ás Caldas, o rei recebeu innumeros presentes dos frades de Alcobaça, constando de 69 vitellas, 194 pre-

COLUMBEIRA

suntos, 182 queijos, 210 perus, 692 gallinhas, 12 cargas de fructa, 26 paios e 333 caixas com dôces. D. João V repartiu este presente pelos cardeaes da Motta e da Cunha e pelos frades arrabidos das Gaeiras mandando a estes mais 200$000 rs. Ao *Senhor da Pedra* enviou 10:000 cruzados para as obras da sua egreja.

Direi tambem que D. João V e a sua côrte de regresso a Lisboa gastaram na jornada 12 horas. (*)

Outro passeio interessante é a S. Mamede, Roliça e Columbeira, vendo-se no alto d'um

CAPELLA DE S. MAMEDE

monte um cruzeiro em memoria da morte do tenente-coronel inglez Lake que falleceu na batalha entre portuguezes e inglezes contra as tropas francezas.

A estrada é muito pittoresca atravessando campos de vinha e olivêdos.

(*) «Portugal na epoca de D. João V», por Manuel Bernardes Branco.

VIII

Em meia duzia de quartos de papel, escriptos sobre uma tôsca mesa de pinho do meu humilde gabinete d'aldeia, venho hoje dizer as ultimas impressões da minha estada no campo, as quaes me deixaram no espirito recordações sagradas de saudade.

Não pude, é certo, deliciar o leitor com elevadas flôres de estylo, resta-me ao menos a consciencia a dictar-me que procurei ser sincero fazendo todo o possivel em traduzir, atravez da minha prosa, todos os encantos que estas regiões me deixaram, momentos deliciosos, horas de um conforto moral admiravel, dias em que a minha alma se elevou a lugares de paz e socego.

E agora que estou a deixar d'aqui a horas estes sitios, mais elles me despertam no meu coração um vago estado de tristeza illuminada por uma melancholia infinita.

Quando no comboio que me transportará a Lisboa, vierem á minha mente estas paysagens banhadas de luz, toda esta bôa gente que tão carinhosamente me tratou, sentirei uma

profunda dôr, pensando nos mezes de ausencia que terei, até vir visita-los de novo e conviver com elles.

O campo é um livro immenso, que todas as vezes que o folheamos encontramos coisas novas.

Um abysmo rasgado entre duas montanhas desperta em nós, de cada vez que o contemplamos, phenomenos diversos. Um vergel florido recama-se aos nossos olhos de coloridos differentes. A solitaria charneca atapetada de carqueja em flôr, ora nos dá a impressão de alegria, ora nos faz nascer as ideias de dôr, de grandeza.

O murmurio dos rios, o gemer das fontes, os cantos das aves, as canções das raparigas, as eiras côr de ouro, tudo emfim nos desperta uma serie infinita de pensamentos, de estados d'alma que ficam gravados para jamais se apagarem da nossa sensibilidade.

Podemos comparar o campo ás symphonias de Beethoven, pois todas as vezes que as ouvimos lhe encontramos compassos novos de rara Belleza.

Lembro-me agora d'uma phrase de Michel Epuy do seu brilhante livro sobre o *Sentimento da Natureza:* «Pour la nature surtout, ce qui frappe douloureusement, c'est qu'elle est aimée et ne *le sait pas.*»

Dois dias de sol, após uma semana de chuvas, deram-me ensejo de visitar dois luga-

rejos que não conhecia, Fanadia e S. Gregorio.

A totalidade da estrada é lançada atravez da charneca, dando-nos esta toda a força da sua aridez. Mas em compensação, por momentos, a nossa vista espraia-se em lindos horizontes, tendo como fundo as serras de Rio Maior, destacando-se com as suas côres azuladas, do resto da natureza verdejante que se divisava levemente.

FANADIA

Aqui e alli pequenas povoações dão á tela rustica um tom de alegria delicada e simples.

A Fanadia é a primeira aldeia que se encontra. Meia duzia de casas dispostas á beira da estrada; ao terminar do lugar uma capelinha interessante, e varias adégas.

Depois da Fanadia, á distancia talvez de dois kilometros, encontra-se em um pequeno

outeiro a capella de S. Gregorio dominando algumas fazendas de vinhas, oliveiras e varios pinhaes.

S. GREGORIO

Do lado opposto, sobre um cêrro, um moinho bastante caracteristico faz lembrar um trecho de campo hollandez.

D'ahi a pouco entra-se no lugar de S Gregorio.

E' tambem bastante insignificante, mas muito mais pittoresco que a Fanadia, pois fica situado n'um alto.

As casas são demasiado rusticas, e a mór parte têm nas beiras dos telhados, renques de aboboras a receberem os bellos e dourados raios do sol.

Entre as casas, as costumadas estrumeiras, á solta gallinhas, patos, porcos e até bois! Todos em pleno convivio, a maxima liberdade!

Como nota curiosa: fallando com um pobre velho e dizendo-lhe quanto aquelle lugar ficava distante das Caldas, tão inconveniente para o mercado ao domingo, elle olhou para mim com aspecto serio e replicou-me:

— Para nós é um pouco longe lá isso é verdade, mas para os senhores não ha longes,

UM MOINHO

esses *carros a fogo*, correm como o raio! O *home* inventa cada uma!

Conclui então que os *carros a fogo* eram os automoveis.

Gente rustica e bondosa, almas simples que nos encantam sempre!

Pela volta, já o sol baixava no horizonte enchendo a paysagem d'uma côr acobreada.

A charneca apresentava-se como a imagem da eterna tristeza, da infinita solidão.

A luz vermelha do poente, vista atravez dos pinheiraes, dava-me a illusão d'um grandioso e phantastico incendio, da terra em fogo!

As chaminés das casas lançavam aspiraes de fumo muito branco, que se elevava pelos ares, eram os ultimos lumes do trabalhador, a hora da ceia, depois... o somno reparador do trabalho.

Em todo aquelle ambiente pairava uma atmosphera de profundo mysterio; os campos iam-se cobrindo com o manto da noite e atravez das sombras cada vez mais carregadas tive a illusão que o campo se povoava de figuras phantasticas, almas errantes. Imagens passavam perante mim como sombras sinistras da Dôr humana, e na minh'alma reflectia-se toda a melancholia da Natureza, todo aquelle crepusculo sempre triste da noite.

*

* *

No dia seguinte voltei ao lugar do Couto, ao casal da Serralheira para assistir a uma festa bastante sensibilisadora, festejava-se o centenario de uma velhinha que nascera a 6 de outubro de 1813. Chama-se Mariana Rosa Alves Trapalha. Além de uma filha, netos e bisnetos tem um irmão com a edade de 96 annos.

Houve jantar de familia, musica e foguetes, verdadeira festa d'aldeia.

Todas as crianças dos lugares proximos

MARIANA TRAPALHA

foram visitar a pobre velha que estava radiante de contentamento; foram anjos a conhecerem aquella alma que em breve tempo subirá ás regiões sagradas do mysterio e da paz eterna.

Agora deixando estas regiões, levo na alma bem gravado todo o esplendor, toda a força esthetica d'estes sitios que têm para mim um conjuncto de attractivos como só existem em terras de Portugal.

Caldas da Rainha
Agosto Novembro
1913.